Prefácio

> **Sumário.** Dedicatória desta história ao século XIX. — Razões dessa dedicatória. — O século XIX acha o seu modelo no bom Ladrão. — Culpado como ele, como ele deve, pode arrepender-se. — Sua conversão é a única solução de todos os problemas sociais. — Resposta às dificuldades. — Utilidade particular desta história: revela muitos fatos curiosos, esquecidos ou pouco conhecidos. — Solda a história evangélica à história profana. Abre a alma aos mais nobres sentimentos, a admiração e o amor. É um preservativo ou um remédio poderoso contra o desânimo e o desespero.

I

Amo os santos que nem sempre foram santos. Esse gosto pode parecer estranho, mas é censurável? Um grande doutor da Igreja o explica e justifica nestes termos.

> *Compreendemos — diz santo Ambrósio — a utilidade dos pecados dos santos e a razão por que a Providência os permitiu. Destinados a servir-nos de modelos, é-nos bom que tenham dado algumas quedas. Se, apesar das ciladas de que está semeado, tivessem percorrido o caminho da vida sem jamais falhar, ter-nos-íamos sentido tentados, fracos como somos, a crê-los de natureza superior e quase divina, que o pecado não podia atingir.*

> *Persuadindo-nos de que somos estranhos a essa natureza, tal opinião nos teria desviado de uma imitação tida por impossível. A graça de Deus lhes deixou, pois, sentir um pouco a sua fraqueza, a fim de que a sua vida fosse para nós um modelo a imitar e os seus atos uma dupla lição de fidelidade e de penitência. Quando, pois, leio as suas quedas, vejo que participaram de minha enfermidade e, reconhecendo-os por tais, tenho a confiança de poder andar em suas pegadas.*[1]

II

Ora, eis a história de um grande pecador, tornado grande santo. É dedicada a um grande pecador que tem a mais premente necessidade de tornar-se grande santo. Esse grande pecador chama-se O SÉCULO DEZENOVE.

No ilustre culpado, trazido à sua lembrança, grande pecador, grande ladrão e grande santo, o século XIX reconhecerá, traço por traço, o que é e o que deve ser.

Dizer do século XIX que é um grande pecador e, como o Ladrão do Calvário, um grande ladrão não é caluniá-lo.

Dizer que deve arrepender-se, e arrepender-se o quanto antes, é indicar a única via de salvação que lhe resta.

Dizer que pode arrepender-se é despertar nele a confiança e encorajar os seus esforços.

Três proposições que é preciso estabelecer para justificar a dedicatória desta história e mostrar-lhe a oportunidade.

III

1.º Dizer do século XIX que é um grande pecador e, como o Ladrão do Calvário, um grande ladrão não é caluniá-lo. — Um século se caracteriza, não pelos fatos particulares que apresenta, mas pelo espírito geral que o anima. Esse espírito se revela nas ideias dominantes em religião e em política. Por sua vez, essas ideias têm a sua expressão na conduta dos governos, nas instituições e nas leis, nos costumes públicos, nos gozos e nas ocupações preferidas, nos livros e nos jornais que possuem a popularidade. Em suma, um século se caracteriza pelo conjunto de suas tendências intelectuais, religiosas e sociais.

Que se encontrem, nesse século, individualidades mais ou menos numerosas alheias ao movimento geral; que essas individualidades se afirmem por atos, isolados ou coletivos, em oposição ao espírito dominante: o século nem por isso deixa de conservar o caráter distintivo pelo qual se tem o direito de defini-lo. Diga-se isso para mostrar que estamos longe de querer diminuir, e menos ainda negar, o bem que hoje se faz, mantendo o nosso juízo sobre o século XIX considerado em seu conjunto. Vamos às provas.

Qual é o espírito do século XIX? É católico, ou não o é? Para julgá-lo com imparcialidade, não se deve olhar uma só nação; a lógica quer que se abranjam, em suas manifestações gerais, todas as nações, ao menos do Ocidente.

É o espírito católico que reina na Rússia, na Prússia, na Suécia, na Dinamarca, na Inglaterra, em todos os países protestantes ou cismáticos, isto é, em metade da Europa? Que espírito domina as nações ainda católicas de nome: a França, a Áustria, a Espanha, Portugal, a Itália? Como nações, gravitam para o catolicismo ou para o polo oposto? Querer discutir semelhante questão seria pueril: pô-la é resolvê-la.

IV

Que o século XIX faça ele mesmo o seu exame de consciência. Há uma lei, a mais santa de todas as leis; uma lei, mãe de todas as leis dignas desse nome; uma lei descida do céu e dada por Aquele diante de quem toda fronte deve curvar-se, toda boca calar-se, todo joelho dobrar-se; uma lei sancionada por recompensas e penas ao mesmo tempo temporais e eternas; uma lei cuja observância o batismo torna bem mais rigorosa para os povos cristãos do que para as nações infiéis. Essa lei, composta de dez artigos, chama-se o Decálogo.

Ora, desses dez artigos, qual é o que o século XIX observa seriamente e segundo o espírito do Legislador: na Rússia, na França, na Itália e nas outras nações da Europa? Não é preciso perguntar qual é o que não viola, do Norte ao Meio-dia, abertamente, obstinadamente, universalmente, ou pouco falta?

É triste dizê-lo; mas, vendo a conduta do século XIX, não se pode dissimular que, para ele, Deus é não sei que velho monarca, quase destronado, cujas advertências, ordens, proibições, promessas, ameaças, objeto de indiferença para uns, de zombaria para outros, quase não pesam mais sobre a vida das nações, como nações, do que uma pluma leve no prato de uma balança.

Onde achais a parte de Deus na política dos reis, nos discursos e nos atos oficiais dos governos? Poder-se-ia nomear um só homem de Estado cristão em toda a Europa de hoje? O século XIX não faz códigos em que o nome de Deus não se encontra uma só vez? Que século, mesmo pagão, jamais proferiu e deixou proferir tantas blasfêmias contra esse nome adorável e contra tudo o que ele cobre com a sua majestade?

Exceto a do sabre, que poder é sagrado para ele? Conhece ainda os dias consagrados ao repouso? Que são os costumes públicos? Depositária da autoridade de Deus e órgão de suas leis, é a Igreja, para o século XIX, objeto de respeito exemplar? Mãe e guardiã da verdadeira civilização, recebe a homenagem merecida de um reconhecimento efetivo e de uma ternura filial?

V

Contudo, a violação audaciosa da mais santa das leis não constitui a maior iniquidade do século XIX. Há enorme diferença entre a culpabilidade de um filho que desobedece ao pai, reconhecendo embora a autoridade paterna, e a culpabilidade de um filho que não somente desobedece ao pai, mas nega a sua autoridade. Tal é o século XIX.

Não contente de revoltar-se contra Deus e contra a Igreja, nega-lhes a autoridade.

> *Sou eu mesmo a minha regra de pensar, de falar e de agir. Que me importa Jesus Cristo? Que me importa a Igreja? Que me importa o Papa? Combater-lhes*

> *a tirânica autoridade é meu direito; libertar-me dela é minha glória; livrar dela a humanidade é abrir-lhe a era da liberdade, do progresso e da felicidade.*

Eis, para quem quer compreender, o eterno refrão do século XIX tomado em seu conjunto, a última palavra de suas tendências mais ou menos oficiais. Daí o que jamais se vira: folhas públicas intituladas *O Livre Pensamento*, *A Moral independente* e até *O Ateu*.

VI

Daí, ainda, o caráter novo do mal em nossa época. Em todos os tempos houve erros; mas o reconhecimento legal dos direitos do erro no seio das nações católicas, isto é, a patente dada a todos os moedeiros falsos da verdade de cunhar moeda em público; mas sociedades formadas à luz do dia com o fim confesso de afastar, como um malfeitor, o cristianismo do berço da criança, da cabeceira do moribundo e, se possível, de sufocá-lo na lama: eis o que só se encontra no século XIX.

Do mesmo modo, em todos os tempos houve crimes contra a propriedade e contra os costumes; mas a apologia do roubo e dos crimes contra os costumes, junta à glorificação do suicídio: eis ainda o que só se encontra, com o salvo-conduto da opinião, no século XIX.

Enfim, em todos os tempos houve revoltas contra os poderes; mas a teoria da revolta, a apologia da revolta e do regicídio, a consagração mesma do princípio da revolta e do regicídio pela proclamação legal da soberania do homem: eis o que se buscaria em vão fora do século XIX. Negação da autoridade divina e da consciência humana: tal é o caráter distintivo de sua perversidade.

No juízo de todo espírito imparcial, ela supera a dos séculos precedentes.

> *Quem pode recordar sem estremecer — diz o conde de Maistre — o fanatismo do século XVI e as cenas espantosas que deu ao mundo! Que furor sobretudo contra a Santa Sé! Ainda coramos pela natureza humana ao ler nos escritos do tempo as sacrílegas injúrias vomitadas por esses grosseiros inovadores contra a hierarquia romana.*

> *Nenhum inimigo da fé jamais se enganou. Todos ferem em vão, pois batem-se contra Deus; mas todos sabem onde é preciso ferir. O que há de extremamente notável é que, à medida que os séculos decorrem, os ataques contra o edifício católico se tornam sempre mais fortes; de sorte que, dizendo sempre: Não há*

> *nada além, engana-se sempre.*[2]

VII

O século XIX é, pois, um grande pecador; mas sobretudo é um grande ladrão. A bolsa ou a vida: tal era até aqui a fórmula dos ladrões de estrada. A bolsa e a vida é a fórmula do século XIX. Os bens do homem são de duas sortes: os bens do corpo e os bens da alma. Bens do corpo, a bolsa; bens da alma, a vida. O ladrão de estrada toma a bolsa e deixa a vida; o século XIX toma uma e outra.

Toma a bolsa. Há menos de cem anos, a Igreja católica era o maior proprietário do globo. A França, a Espanha, Portugal, a Itália, notável parte da Alemanha estavam cobertas de suas propriedades. Hoje, nada mais tem de seu. O que possui, só o possui por beneplácito dos espoliadores: sempre prontos, dizem eles mesmos, a lançar-lhe a mão.

Na hora em que estamos, a Itália acaba de vender os seus bens. Mal resta ao Chefe augusto dessa opulenta Igreja um canto de terra independente para repousar a cabeça. E esse canto de terra, contestado por mil sofistas, ameaçado sem cessar por exércitos de invasores, é preciso defendê-lo ao preço do sangue mais puro, sem poder responder que o será por muito tempo com êxito.

Jamais o roubo sacrílego foi exercido em tão vasta escala e com tal audácia?

VIII

O direito de propriedade é um só: tão sagrado na pessoa do sacerdote quanto na do secular. Violador desse direito na ordem religiosa, o século XIX não podia por muito tempo respeitá-lo na ordem social.

Com que sangue-frio rouba os reis e os príncipes! A história conta mais de sessenta tronos por ele derrubados. Bem superior é o número dos reis e rainhas, príncipes soberanos, princesas e famílias principescas despojados de seus direitos hereditários e até de sua fortuna pessoal, expulsos, exilados; de suseranos, tornados vassalos, errando pelas diferentes regiões da Europa e buscando uma hospitalidade que nem sempre encontram.

Não falemos nem das províncias injustamente invadidas, nem das nacionalidades suprimidas, nem das taxas monstruosas exigidas dos vencidos em proveito de seus depredadores. Notemos somente que todas essas injustiças, todos esses roubos à mão armada, o século XIX lhes imprime o selo próprio de sua perversidade. Com a sua mais doce voz, chama-os anexações, resultados invencíveis das aspirações dos povos, consequência legítima do Direito novo.

IX

Como a torrente que parte da montanha se precipita no vale que macula e devasta, assim o roubo exercido nas altas regiões desceu às camadas inferiores da sociedade. Entre todos, o século XIX é o século das fortunas escandalosas: escandalosas por sua rapidez, escandalosas por sua enormidade, escandalosas pelos meios de adquiri-las.

Por pouco que se esteja iniciado no que se passa, quantos não se poderiam nomear, nas diferentes carreiras, administrativas, industriais, comerciais, financeiras, de personagens que, relativamente pobres havia quinze ou vinte anos, contam hoje o seu haver por milhões? A quem persuadir de que essas rápidas acumulações de riquezas são fruto exclusivo de um trabalho honesto, resultado legítimo de meios confessáveis diante de Deus e dos homens? Até aqui a opinião pública se recusa a crê-lo.

X

Que pensar da justiça do século XIX nas transações comerciais e mesmo nas relações ordinárias de compra e venda? Já se disse: de todas as ciências modernas, a mais adiantada é a ciência do roubo. Parece que a química só foi inventada para falsificar mais habilmente os produtos da indústria e até as substâncias alimentares.

Se é preciso dar crédito às queixas que se ouvem de todos os lados, aos processos que ressoam sem cessar nos tribunais, há poucas pessoas que possam dizer:

> *Estou certo de que não há matérias estranhas no vinho que bebo, no pão que como, no óleo que me ilumina.*

> *Estou igualmente certo de que não há algodão no que compro por fio, lã ou seda; de que não há fraude na fabricação dos objetos de meu uso; de que se tem escrúpulo de enganar-me quanto à medida ou ao peso e de vender-me, por boas, mercadorias avariadas ou de qualidade inferior.*

> *Enfim, estou certo de que não há desvios em minha casa; de que nem os meus criados, nem os meus operários, nem os meus fornecedores, nem os meus alfaiates, nem as minhas costureiras me roubam de modo algum; de que o roubo, se tem lugar, é raríssimo e sempre seguido de arrependimento sincero e de reparações convenientes.*

XI

Isso não é tudo. Possuído do amor desenfreado das riquezas, o século XIX inventou duas coisas que põem perpetuamente a justiça em perigo: o charlatanismo e a concorrência ilimitada. Do que estão cheias, desde o começo do ano até o fim, as últimas páginas dos jornais? De anúncios. Do que estão rebocados os muros das cidades? De cartazes de toda cor e de toda dimensão.

Anúncios e cartazes, que dizem? Dizem que, graças a processos novos, a circunstâncias excepcionalmente felizes, vende-se a preço fabulosamente baixo tudo o que há de melhor e mais belo, em fazendas e gêneros de toda natureza: comprais, e sois roubado.

Dizem que se descobriram certas preparações médicas tão eficazes que curam as doenças mais rebeldes: comprais, e sois roubado.

Dizem que acaba de formar-se uma companhia, com capital de vários milhões, para explorar uma indústria cujo êxito é tão seguro que, além dos juros de seu dinheiro, os acionistas receberão ricos dividendos. Seduzidos pela isca do ganho, tranquilizados pelos nomes que figuram ao pé do reclame, os Georges Dandin[3] acorrem.

O rendeiro, o artesão, o criado trazem, quem as suas rendas, quem as suas economias, quem o seu salário. Para aumentar o número dos enganados, nos primeiros anos pagam-se regularmente os juros. Acrescenta-se até um dividendo, mas é com o capital social. Logo já não há nem juros, nem dividendo, nem capital: tudo está perdido. Nesse gênero de roubos, o século XIX pode gabar-se de eclipsar todos os outros.

XII

Eclipsa-os não menos na nova invenção chamada concorrência ilimitada. Aplicação da liberdade revolucionária, a concorrência ilimitada tem por fim produzir o mais possível, ao melhor preço possível. Quem não vê aí uma tentação permanente de roubo e de fraude? O meu vizinho vende a tal preço os mesmos artigos que eu; tem a voga, e a sua concorrência me arruína ou me impede de chegar à fortuna. É preciso, pois, que eu venda mais barato. Mas, se emprego as mesmas matérias, se uso os mesmos processos de fabricação, o preço de custo permanece o mesmo, para mim como para ele, e os seus fregueses lhe ficarão. Como contornar a dificuldade? Alterando as matérias-primas, misturando-as, dando menos cuidado à fabricação: para dizer a palavra, roubando.

XIII

O fato seguinte resume bastante bem todos esses gêneros de falsificações nascidas da concorrência ilimitada. Era no reinado do rei Luís Filipe. Os deputados da Gironda pediam a redução do imposto sobre os vinhos. Num quadro patético, mostravam os sofrimentos da indústria

vinícola e, em particular, os encargos esmagadores que pesavam sobre a sua província. Um deputado de não sei que departamento, dirigindo-se ao orador, gritou-lhe:

> *Peço como vós não somente a redução, mas a supressão dos direitos sobre os vinhos, se puderdes provar-me que há, no comércio, um só hectolitro de vinho de Bordéus puro Bordéus.*

O deputado bordelês calou-se; a Câmara riu, e o pedido foi rejeitado.

XIV

A todos os gêneros de roubo, mais ou menos conhecidos dos antigos, e que o século XIX pratica com rara perfeição, acrescenta outro cuja invenção é sua: é a propina.[4] Quantos vergonhosos mistérios, quantas ignóbeis baixezas, quantos indignos conluios esconde essa palavra nova! Processos tristemente célebres revelaram alguns. Mas, pelo número e pela quantidade, que são eles ao lado dos que se conhecem sem terem tido a publicidade judiciária?

Sobre esse gênero de fraude, como sobre a maior parte dos outros, o século XIX imprime o seu selo de imoral incredulidade. Para ele, o roubo feliz já não é roubo, é habilidade. Com o auxílio de manobras inomináveis, sabei criar-vos cem mil libras de renda, e sereis um homem hábil. Tende duzentas mil, e sereis um grande homem: nenhum salão vos será fechado.

Sem que lhe tenha vindo ao pensamento mandar prendê-lo como malfeitor ou encerrá-lo como louco da espécie mais perigosa, o século XIX ouviu um sofista proclamar esta máxima: a propriedade é o roubo.

XV

Tal é a obliteração do senso moral que, para prevenir os terríveis efeitos de semelhante máxima, homens de Estado se julgaram obrigados a escrever volumes para refutá-la. Os seus esforços foram coroados de êxito? A dúvida é permitida: depois como antes, muitos roubos, poucas ou nenhuma restituição.

Neste momento, o Socialismo ameaça a sociedade. Ora, que é o Socialismo, o Comunismo, o Direito ao trabalho, a Democracia universal, a grande República mazziniana, a Revolução, numa palavra, senão o roubo erigido em princípio?

Encorajada por uns, glorificada por outros, mais ou menos aceita por tudo o que não é católico de velha rocha, a Revolução pode contar, para as suas depredações futuras, como para as suas injustiças passadas, com o *bill* de indenização posto em circulação pelo século XIX: É um fato consumado.

Eis, na ordem material, algumas das relações do século XIX com a lei de justiça; procuremos dizer o que são na ordem moral.

XVI

Por culpado que seja, o roubo da bolsa pode passar por bagatela ao lado do roubo da vida. A verdade é a vida do homem, é o seu pão, o seu vinho, o seu ar respirável; é o seu pai e a sua mãe, como dizem as línguas do Oriente. A verdade é a sua fé, a sua esperança, a sua consolação; a bússola que orienta a existência, a força que ajuda a levar-lhe o fardo. A verdade é o escudo que defende a honra, a inocência, a virtude contra as incertezas do espírito, contra as cobiças do coração, contra as seduções e as ciladas de fora.

De todos os roubos, o mais culpado é, pois, o roubo da verdade. Despojar dela o ser, aliás tão infeliz, que se chama o Homem é tirar-lhe a vista; é condená-lo a tatear no vazio; é entregá-lo, como joguete, a todos os fantasmas e empurrá-lo sem piedade de precipício em precipício; é mudá-lo numa besta, ora imunda, ora cruel: até que, torturado de dúvidas, perca a razão; ou que, farto de uma vida sem regra e sem fim, invoque o nada e atente contra os seus dias.

XVII

O século XIX é culpado de tal roubo? É-o mais do que qualquer outro século? Para responder, basta abrir os olhos. Que são os milhões de escritos maus, livros, jornais, brochuras, canções, peças de teatro, gravuras, romances, de todo formato e de todo preço, que, a cada noite, desde o começo do ano até o fim, partem de todas as capitais da Europa, senão bandos de ladrões que vão a todos os lugares habitados, até aos últimos lugarejos, devastar as inteligências, profanar os corações, assassinar as almas?

Ao jovem roubaram o respeito da autoridade paterna; à moça, o pudor; ao rico, a piedade; ao pobre, a resignação; a todos, o senso cristão, a vida sobrenatural; e com ela todas as consolações do presente, todas as esperanças do futuro: inapreciáveis tesouros, comprados com o sangue de um Deus e depositados pelo batismo no coração do cristão.

XVIII

Que assim seja, o fato não é contestável. Aos mais otimistas, revela-se pelo transbordamento da vida material. Como nos dias que precederam o dilúvio, o homem do século XIX, desapossado da vida do espírito, tornou-se carne. Em vez de se fazerem para o alto, os movimentos de seu coração fazem-se para baixo.

Subjugar a matéria, surpreender os segredos da matéria, manipular a matéria, transfigurar a matéria, gloriar-se na matéria; fazer da vida uma corrida de obstáculos para os gozos da matéria; nada ver, nada ambicionar, nada admitir além da matéria; desprezar, zombar, caluniar, perseguir

os que lhe pregam outra coisa que não a matéria: eis o homem tal como o fizeram os espoliadores da verdade.

A todos esses espoliadores, mil vezes mais culpados do que os Mandrins que arrombam as fechaduras e levam os cofres-fortes, o século XIX dá livre curso. São seus filhos; inspiram-se em seu espírito, realizam o seu pensamento. Do ponto de vista moral, como do ponto de vista material, dizer do século XIX que é um ladrão e um grande ladrão não é, pois, caluniá-lo.

XIX

2.º Dizer que deve arrepender-se, e arrepender-se o quanto antes, é indicar a única via de salvação que lhe resta. — Repetir que a situação da Europa é grave, gravíssima; que a sociedade atual está doente, doentíssima; que no Velho Mundo, como no Novo, fermentam elementos de dissolução universal: é exprimir uma verdade trivial, de tão conhecida.

Em vão os adormecedores não cessam de embalar com os seus elogios o século XIX.

> *Tua educação está feita — dizem-lhe — e vales bem os teus predecessores. És bastante forte para marchar só na via do progresso. Jamais o mundo foi mais esclarecido, mais livre, mais próspero. Jamais as grandes nações da Europa foram governadas com mais inteligência e glória. As agitações que experimentas estão só à superfície. Em tempo algum o edifício social repousou sobre bases mais sólidas.*

O século XIX não está completamente tranquilizado.

Um secreto instinto o avisa de que não está na ordem, e tudo o que não está na ordem não poderia durar. A ordem produz a paz; e a paz não se acha em parte alguma. É verdade que, neste momento, todos os lábios reais destilam a paz; mas todos os braços preparam a guerra. Por toda parte nas almas, a guerra, de um dia para o outro, ameaça passar aos fatos. Daí um sentimento desconhecido nas épocas regularmente constituídas: o medo.

O século XIX toma cidades reputadas inexpugnáveis: e tem medo. Com um punhado de soldados, alcança ao longe vitórias retumbantes sobre inimigos poderosos: e tem medo. Seis milhões de baionetas velam por sua segurança, e tem medo. Doma os elementos, suprime as distâncias, multiplica as maravilhas de sua indústria: e tem medo. O ouro, em abundância, corre de suas mãos; em suas vestes, a seda substituiu a estamenha; a natureza inteira se tornou tributária de seu luxo; sua vida se assemelha ao festim de Baltasar: e tem medo. As nações têm medo das nações. Os reis têm medo dos povos. Os povos têm medo dos reis. A sociedade tem medo do presente, mais medo do futuro. Esse sentimento é geral demais para não ser fundado.

XX

Por que o século XIX tem medo? Já o dissemos: tem medo porque sente que não está na ordem. Por que não está na ordem? Porque é culpado, muito culpado. Seu crime capital é estar em plena insurreição contra Deus, Rei e Legislador supremo, e contra a Igreja, depositária dos direitos de Deus e órgão de suas vontades.

> *Já que não querem reconciliar-se com o espírito que me anima, aceitar uma ordem social ao meu feitio, aprovar a liberdade, a civilização, o progresso como eu os entendo, que Deus e a Igreja se conformem: não quero mais que reinem sobre mim. Saberei bem viver e prosperar sem eles, longe deles, apesar deles: Nolumus hunc regnare super nos*

(*«Não queremos que este seja nosso rei»*).

Sem que seja possível negá-lo, tal é o grito de revolta insensata que resume as tendências gerais do século XIX. Dizemos insensata, e é com reflexão. O século XIX alardeia a pretensão de viver e prosperar voltando as costas ao Cristianismo e à Igreja.

Mas, entre associados, a separação pede a liquidação. Que o Cristianismo e a Igreja retomem, pois, e é o seu direito, o que deram ao século XIX, o que ainda lhe dão a cada dia e a toda hora, de crenças, de costumes, de luzes, de liberdades, de princípios sociais, de instituições úteis, de respeito à autoridade e à propriedade: e veremos que rico apanágio restará ao século XIX.

Entretanto a insurreição do homem não destrona Deus. O orgulho de um vermezinho não arranca o raio das mãos do Todo-Poderoso. Como o ímã atrai o ferro, o crime atrai o castigo. Por mais que faça para atordoar-se, o século XIX compreende essa atração inexorável: é por isso que tem medo.

Como conjurar o castigo e substituir o medo pela confiança? Para achar a solução do problema decisivo, mil operários estão à obra. Cada dia, os homens dos diferentes partidos trazem o seu meio de salvação. Uns patrocinam o absolutismo e combatem a democracia e o regime constitucional. Outros querem a democracia e mostram a inanidade do regime constitucional e os perigos do absolutismo. Aqueles exaltam até às nuvens o regime constitucional e têm horror ao absolutismo e à democracia. Indiferentes às formas de governo, vários se gabam de regenerar a Europa pela indústria, pela instrução, pelo bem-estar material.

Daí milhares de teorias econômicas, políticas, sociais. Daí afirmações absolutas e negações igualmente absolutas. Daí belas e numerosas inteligências consumindo as suas forças numa agitação estéril. Daí, numa palavra, essa grande guerra da ignorância, *magnum inscientiæ bellum*, de que fala a Escritura, e que, nas almas, só deixa dúvidas, cansaço, desfalecimento; e, na sociedade, tateios eternos. Babel não foi testemunha de maior confusão de linguagem e de ideias.

O século XIX deu razão a todas as opiniões. Por turnos, revestiu as diferentes formas de governo. A indústria tornou-se a sua vida; a instrução, o seu sonho; o bem-estar material, o seu Deus: e não está curado.

XXI

Depois de tantas experiências inúteis, tantas soluções contraditórias, o católico propõe ousadamente a sua. Por que não usaria de um direito que todos se arrogam? Para ele, não é somente um direito, é um dever. No perigo comum, todo homem é soldado.

Ao contrário de todas as outras, a solução do católico não é nem um paliativo nem uma utopia. Não brotou de um cérebro humano: é fornecida por Aquele mesmo que fez todas as nações curáveis.

É única; o próprio Deus não conhece outra. É a que, desde seis mil anos, propõe invariavelmente às nações levadas por suas iniquidades à beira do abismo. Todas as vezes que foi aceita, os problemas sociais mais difíceis foram no mesmo instante resolvidos; os perigos desapareceram; a ordem se restabeleceu e a paz desceu de novo sobre a terra.

É forçada porque é radical. É radical porque só ela repõe cada coisa em seu lugar: Deus em cima e o homem embaixo.

Não é somente radical; Legislador e Pai, Deus quis que fosse fácil: formulou-a numa só palavra: ARREPENDIMENTO.

XXII

Se, pois, o século XIX, reconhecendo que erra o caminho, consente em arrepender-se, será salvo; senão, não; eternamente não.

Que se queira atentar bem: não é aqui, como dirão infalivelmente certos homens, uma solução mística, completamente fora da ciência política e social e, por conseguinte, uma solução sem influência séria sobre as coisas deste mundo. Tais são os vãos raciocínios dos hábeis, em quem não está a ciência que vem da verdade e conduz à verdade:[5] homens presunçosos, que de nada duvidam porque de nada suspeitam; bons somente para desencaminhar os povos com as suas utopias, e cuja vista, diz santo Agostinho, não ultrapassa o comprimento de seu nariz.

A verdade é que essa solução é de tal modo política, de tal modo social, de tal modo decisiva nas coisas deste mundo que, sem ela, todas as soluções, todos os expedientes não deram e nunca poderão dar resultado duradouro.

Sem ela, é verdade, podeis triunfar do motim que ronca na rua, como em Paris, nas jornadas de junho de 1848. É reprimir uma manifestação da Revolução, mas não é vencer a Revolução.

Podeis bater Garibaldi no caminho de Roma, como em Mentana, em 1867. É deter em sua marcha um filho da Revolução, mas não é vencer a Revolução.

Como acaba de fazê-lo o Corpo Legislativo da França, podeis, por um voto solene, afirmar a conservação do que resta ao Santo Padre de seus antigos domínios. É suspender o cumprimento dos votos da Revolução, mas não é vencer a Revolução.

Todos esses atos, e outros do mesmo gênero, são tanto menos vitórias quanto os pretensos inimigos da Revolução caem numa inconsequência flagrante. Se, com uma das mãos, se opõem à Revolução, com a outra lhe fornecem cada dia novas forças. Que se faz de outro modo ao publicar e deixar publicar sem cessar, em todas as línguas, as doutrinas da Revolução, em religião, em política, em filosofia, em literatura e em história? Quereis conservar o edifício e o deixais minar! Deter a torrente e a alimentais!

Um fato se destrói por um fato; mas a Revolução não é um fato. A Revolução é um poder moral, um princípio, uma ideia. Ora, não se matam as ideias a tiros de fuzil. As ideias só podem ser vencidas por ideias contrárias. A ideia revolucionária, ou a Revolução, é o homem em cima e Deus embaixo. Jamais será vencida senão quando Deus for reposto em cima e o homem embaixo. Deus não pode ser reposto em cima, e o homem embaixo, senão pelo ARREPENDIMENTO.

XXIII

Que o próprio século XIX julgue sem parcialidade. À situação atual, tão cheia de incertezas e de perigos, há duas soluções, e só duas: a solução revolucionária ou a solução católica.

Em sua última fórmula, a solução revolucionária é a subversão completa da ordem religiosa e social estabelecida pelo Cristianismo: subversão seguida da barbárie selvagem ou, o que é pior, da barbárie sábia, talvez de uma e outra; pois será o homem posto em cima, e Deus embaixo, em toda a linha.

Em sua última fórmula, a solução católica é o restabelecimento universal da ordem religiosa e social: restabelecimento seguido de uma era de paz e de prosperidade; pois será Deus reposto em cima, e o homem embaixo, em toda a linha.

Ora, o primeiro, o indispensável elemento da solução católica é o ARREPENDIMENTO.

Assim, e somente assim, podem ser resolvidos, no interesse dos governantes e dos governados, os ameaçadores problemas que batem à porta. Contentemo-nos em citar a grande questão do momento: a Questão romana.

No ponto em que está, a Questão romana desafia todos os congressos e todos os diplomatas. Só o arrependimento das nações pode resolvê-la. Só ele pode fazer entrar de novo nas almas, almas de reis e almas de povos, o sentimento protetor da fraqueza oprimida e o respeito religioso da propriedade alheia. Só ele, por conseguinte, pode reparar a injustiça cometida. Só ele pode, em torno dos Estados da Igreja devolvidos ao legítimo possuidor, reformar a barreira de veneração e

de amor que por tanto tempo conservou íntegro e tranquilo o domínio temporal da Santa Sé e, com a soberania temporal, assegurou a independência necessária à palavra pontifical.

Que ninguém se iluda: o voto emitido por nossa Câmara legislativa, a 5 de dezembro de 1867, de modo algum resolve a Questão romana. É um primeiro passo na boa via. Esperemos que não seja o último. Se fosse de outro modo, o *statu quo*, tal como se acaba de prometer, seria, de todos os pontos de vista, coisa deplorável.

Do ponto de vista político, seria para a França uma vergonha ineludível. Como os italianos se apoderaram das melhores províncias do Santo Padre? Calcando aos pés a assinatura da França, aposta às estipulações de Villafranca e ao tratado de Zurique: estipulações e tratado que garantiam da maneira mais solene a inviolável integridade dos Estados da Igreja. O que acrescenta ao insulto: nas províncias usurpadas acha-se o dote que a filha primogênita da Igreja, a França, fizera a sua mãe.

E a França, que só teria de falar para ser obedecida, sofreria sem dizer palavra tais ultrajes! Mas então que será de nossa honra nacional? Quem doravante quererá fiar-se em nossa palavra? Arruinar financeiramente uma nação é um mal de que se pode curá-la; arruiná-la moralmente é uma falta irreparável.

Do ponto de vista religioso, seria, de um lado, consagrar a injustiça e, sobre a espoliação sacrílega de dois terços do domínio pontifício, passar a esponja do fato consumado. De outro, reduzir o Santo Padre à posse do que lhe resta seria condená-lo à mendicidade. Seria, digamos a palavra, a aplicação do programa da brochura, tristemente famosa: *O Papa e o Congresso*. Seria deixar ao Papa o Vaticano, o seu criado de quarto, o seu cozinheiro e o seu jardim, aumentado de alguns arpentos. Que seria isso, senão o triunfo mesmo da Revolução?

Pode-se passar em revista todas as questões, de ordem mais ou menos elevada, que mantêm hoje a Europa numa irremediável inquietação, e sempre será preciso chegar à mesma solução: o ARREPENDIMENTO.

Tal é, de resto, em termos diferentes, o axioma de geometria social contido na palavra célebre: *Começada pela proclamação dos direitos do homem, a Revolução só acabará pela restauração dos direitos de Deus.*

Possa o século XIX levar-se enfim a sério e, fechando o ouvido aos adormecedores que o lisonjeiam, aos utopistas que o desencaminham, prover à sua própria salvação, voltando às condições de vitalidade divinamente prescritas às nações!

XXIV

3.º Dizer que pode arrepender-se é despertar nele a confiança e encorajar os seus esforços. — Aqui chega a objeção, prevista desde o começo e cuja força, tanto quanto qualquer um, sentimos. Diz-se:

> *Pedir que o século XIX se arrependa é tentar o impossível; esperá-lo seria insensato. A solução proposta é, pois, uma utopia.*

Uma palavra de resposta.

Muitas vezes, no curso de sua existência, o povo judeu arrependeu-se; os ninivitas arrependeram-se; uma parte do mundo pagão arrependeu-se, na época da pregação evangélica; mais tarde, todas as nações vindas sucessivamente à fé arrependeram-se. Por que o século XIX não poderia o que tantos outros puderam? Motivos e meios, que lhe falta para cumprir esse ato salutar?

Sabemo-lo demais: o que lhe falta é a vontade. Falta aos governantes e aos governados; falta aos homens de dinheiro e de negócios; falta à maior parte dos formadores do espírito público, sábios, jornalistas, homens de letras; falta às massas, grosseiramente ignorantes e estupidamente ímpias.

Faltar-lhes-á sempre? Seria desesperador pensá-lo. Até aqui, sem dúvida, o século XIX se mostrou rebelde à voz de Deus, rebelde à voz da Igreja, que não cessaram de convidá-lo ao arrependimento. Vinte vezes diferentes, a Igreja lhe falou pelo órgão do mais paternal dos pontífices. Deus lhe falou por seus benefícios e por seus castigos.

Depois do benefício excepcional de uma paz de quarenta anos, de que não quis aproveitar-se, vieram apelos de outro gênero. Para não os enumerar todos, no ano passado, o que jamais se vira, todos os flagelos de Deus caíram de uma só vez sobre o mundo. A peste dos homens e dos animais; a misteriosa doença da vinha, das batatas, da cana-de-açúcar e dos vegetais; a fome; a guerra; os terremotos; o transbordamento dos rios e a invasão dos gafanhotos. Houve jamais advertências mais solenes?

XXV

Apesar de imensos estragos, o bem-estar público não foi seriamente comprometido, e o século XIX, permanecendo surdo à voz da Providência, nada mudou em seus tristes hábitos; mas a taça da cólera divina não está esgotada.

Enquanto não foi preso pela justiça humana, instrumento da justiça divina, o Ladrão do Calvário continuou a sua vida de crimes e banditismo: nem pensava em arrepender-se. Uma vez pregado à cruz, foi diferente. Nas garras da dor, em face da morte, o senso lhe volta. Dá audiência a si mesmo, arrepende-se: está salvo.

Deixai o anjo da justiça verter até a última gota, sobre o mundo obstinado, a taça da cólera divina. A menos que haja arrependimento pronto como o de Nínive, essa taça será derramada. Colhe-se o que se semeia. Tal semente, tal colheita. Na ordem moral, como na ordem física, essa lei é igualmente inflexível.

Quando, pois, chegar para o século XIX o momento de colher o que semeou de doutrinas subversivas da religião, da sociedade, da propriedade, da família; semeou cada dia, a mãos cheias, em toda a face da Europa, apesar dos gritos de alarme de todos os espíritos sensatos: então virão os ceifeiros. Serão o que os fizeram. Hordas de selvagens civilizados, arregimentados em mil seitas tenebrosas, mostrar-se-ão em plena luz e ensinarão ao mundo espavorido o que são as multidões instruídas a não crer em nada senão em suas cobiças.

Armados de um ódio sem freio, de um ódio longamente contido, os modernos bárbaros farão o que fizeram os bárbaros de outrora. Instrumentos da justiça divina, como Nabucodonosor em Jerusalém, Átila nas Gálias, Genserico em Roma, quando tiverem cumprido a sua obra, saqueado, queimado, massacrado, varrido essa civilização corrompida e corruptora, que fascina e perde o mundo cristão, como perdeu o mundo pagão; quando enfim, no patíbulo do socialismo e da barbárie, o século XIX não aguentar mais, então, esperamo-lo, gritará: Piedade!

Imitará o modelo que a Providência parece ter feito para ele e cuja consoladora lembrança esta obra lhe traz. É para o encorajamento dos pecadores mais desesperados e dos séculos mais culpados, dizem os Padres da Igreja, que o Redentor do mundo quis coroar a sua vida com esse exemplo retumbante de misericórdia.[6]

XXVI

Por que o século XIX não aproveitaria? A escola da adversidade é por excelência a escola da sabedoria. É na cruz que o Filho de Deus salvou o mundo. É na cruz que se salvam as almas e os povos. Sem dúvida, o século XIX é um grande pecador e, o que é pior, um pecador endurecido. Mas, se a voz de suas iniquidades clama vingança, há outra voz que clama misericórdia. Quando Deus quer perdoar, é sempre assim que as coisas se passam.

Qual é a voz que pede graça para o século XIX? É a voz das obras católicas, por toda parte multiplicadas, por toda parte animadas de nova atividade: associações piedosas, peregrinações públicas, ordens religiosas, apostolado da mulher, propagação da fé, missões aos quatro cantos do mundo.

É a voz da Igreja inteira, proclamando o dogma da Imaculada Conceição de Maria e obrigando, de certo modo, a Rainha dos Anjos a manifestar o seu onipotente poder; a Mãe da misericórdia, a desarmar a cólera de Deus; a nova Eva, a esmagar uma última vez a cabeça da serpente.

É a voz dos devotamentos heroicos, cujo espetáculo comanda a admiração e revela tesouros de fé escondidos em corações de vinte anos. É a voz do sangue mais puro, generosamente derramado pela causa de Deus e da Igreja.

É a voz da longa agonia de Pio IX, caluniado, traído, despojado, perseguido como o divino Mestre e doce como ele.

Quem pode dizer o que pesam nas divinas balanças tantas lágrimas, tantas preces, tantas esmolas, tantos sacrifícios, tantas santas obras generosamente cumpridas, tantos sofrimentos aceitos com a corajosa resignação dos mártires? Tudo o que sabemos é que ali, e só ali, está a esperança do século XIX.

XXVII

Acrescenta-se:

> *Vossa obra não chegará ao seu destinatário. O século XIX é um ser coletivo: falar-lhe é falar a todos em geral. Falar a todos em geral é não falar a ninguém. Pregação no deserto, vão som de címbalo retumbante, tal será a vossa palavra. Para que, então, este livro? Que interesse pode ter? Num século como o nosso, onde achará leitores?*

XXVIII

Para que este livro? Sem dúvida o século XIX é um ser coletivo; mas o ser coletivo se compõe de individualidades. Estas têm ouvidos para ouvir, uma consciência para julgar-se, um coração para querer. Ao chegar a elas, a palavra, dirigida a todos, individualiza-se e pode tornar-se eficaz. Tal é, de resto, a condição de toda palavra pública, escrita ou falada. Pode-se dizer por isso que é inútil? Não é ainda hoje, como sempre, a palavra que governa o mundo?

XXIX

Notemos, aliás, que, para exercer influência, não é necessário que a palavra se apodere de todos ao mesmo tempo, nem mesmo de grande número. Para o bem como para o mal, as revoluções foram sempre obra das minorias. Doze apóstolos revolucionaram o mundo. Cada um dos dezoito séculos que nos precedem viu alguns pobres missionários revolucionar cristãmente povos inteiros. O mesmo sucede com as revoluções em sentido contrário.

Hoje mesmo, qualquer que seja a grandeza do mal, dai-me doze reis sinceramente convertidos, como homens e como reis; menos ainda, tantos quantos teriam sido necessários justos para salvar Sodoma: e, não duvideis, veremos maravilhas. Além da tendência natural a imitar os grandes, os povos do século XIX, é justiça que se lhes faça, são menos maus do que os seus governos.

XXX

>

> *Mas os reis não se converterão. Em vez de dizer-se e fazer-se, como Constantino, os Bispos de fora; ou, como Carlos Magno, os Servidores de Jesus Cristo e os Sargentos da Igreja, desconhecerão cada vez mais as condições sob as quais o poder lhes foi confiado. Acabando de perder o instinto de sua própria conservação, chegarão, eles e os povos, a inevitáveis catástrofes. Para que, então, este livro?*

Ao publicar esta história, temos em vista o bem geral e o bem particular. Inútil, segundo dizeis, sob o primeiro aspecto, será ela completamente inútil sob o segundo?

Indicar o único remédio para os males que nos devoram e para as calamidades que nos ameaçam; excitar o zelo de algumas santas vítimas, cujas expiações e lágrimas podem inclinar a balança para o lado da misericórdia: não é nada?

Dar a conhecer, em todas as suas partes, uma maravilha incomparavelmente mais bela do que todas as obras-primas da Exposição: não é nada?

> *Porque é bom conservar escondido o segredo do rei: Mas é coisa de honra manifestar e publicar as obras de Deus.*[7]

Ora, entre todos os milagres de sua destra, haverá algum mais digno de ser publicado de geração em geração e conhecido até as extremidades da terra do que a conversão do bom Ladrão?

Com uma palavra, tirar o mundo do nada é um milagre. Com outra palavra, fazer de uma pedra um filho de Abraão é milagre maior.

Mas de um veterano do crime, de um bandoleiro já suspenso à forca, onde vai expiar toda uma vida de pilhagens e assassínios, fazer, num piscar de olhos, um apóstolo, um evangelista, um santo canonizado ainda vivo é um milagre que os séculos só viram uma vez e que, em seu gênero, nos parece superar todos os outros.

XXXI

«Que interesse pode ter este livro?» Tudo o que sabe ler não é assinante de maus jornais, grandes ou pequenos, nem faz seu alimento dos romances. Se número demasiado grande se contenta em comer palha e feno,[8] há, graças a Deus, os que conservam gostos mais elevados e querem alimento mais sadio.

Será sem interesse oferecer-lhes um alimento que responda a seus nobres instintos?

Será sem interesse satisfazer uma legítima curiosidade, revelando pormenores cuja importância é proporcional à grandeza excepcional do fato a que se ligam?

Será sem interesse, hoje sobretudo, manter ou despertar nas almas os sentimentos que as enobrecem e santificam: a admiração, a confiança, o amor? E não somente despertá-los, mas, pelo espetáculo de um sublime modelo, elevá-los ao mais alto grau de potência?

Será sem interesse, para tantas vítimas do desânimo e do desespero, achar no bom Ladrão a resposta peremptória às suas dúvidas, a calma de suas inquietações, a cura de seus sinistros pensamentos e uma proteção poderosa junto ao Pai das misericórdias?

XXXII

«Num século como o nosso, onde achará leitores?» É verdade que, mais do que qualquer outro, o século XIX está fascinado pela bagatela das coisas perecíveis. Contudo, ainda se contam nele nobres inteligências e nobres corações que vivem de outra vida que não a dos sentidos. Em razão mesmo da atmosfera de chumbo cujo peso os sufoca, essas almas experimentam, mais habitual e mais vivo, a necessidade de respirar um ar puro; de conhecer e admirar outra coisa que a matéria e as suas manipulações; de esperar e amar outra coisa que pão e prazeres. Tais serão, temos a confiança, os leitores deste livro.

XXXIII

O fato que narra passa-se nas regiões superiores do mundo moral, cujas impressionantes realidades faz brilhar. Dois elementos, miraculosamente combinados, o produziram: a graça de Deus na plenitude de sua força e na rapidez de sua ação; a cooperação do homem em toda a energia de sua fidelidade. Contemplá-lo é ter diante dos olhos um espetáculo que lança a alma em êxtase e esgota a sua admiração.

Sumariamente indicado no Evangelho, esse fato único, mais belo de ver do que a criação do mundo, foi cercado de circunstâncias geralmente pouco conhecidas e, contudo, sob mais de um aspecto, de sério interesse. De uma parte, abrem à ciência da Antiguidade novos horizontes; de outra, ligando a história sagrada à história profana, elucidam o texto sagrado, firmam a fé do cristão e dão mais um desmentido aos negadores da narração evangélica. Revelá-las é, entre outros, o fim desta obra.

XXXIV

A imersão nas coisas materiais e, por consequência, a ignorância do mundo moral, de suas leis e de suas magnificências não é a única chaga de nossa época. Há outras não menos vivas e que tendem de dia para dia a alargar-se. Delas, os próprios cristãos não estão isentos. Falamos, para uns, do enfraquecimento da fé; para outros, da desconfiança da misericórdia de Deus.

Essa fé que, do tamanho de um grão de mostarda, transportaria as montanhas;[9] essa fé que, na pessoa dos primeiros cristãos, venceu o mundo inteiro e que, em seus descendentes, poderia ainda regenerá-lo; essa fé que dá asas à oração, eleva-a ao pé do trono de Deus e ali a mantém até que o Altíssimo a atenda; essa fé que, em todos os tempos, operou tão grande número de conversões retumbantes e obteve, contra toda esperança, tantos favores insignes: essa fé, entre as multidões, enfraquece-se a olhos vistos.

XXXV

Como reanimá-la? Por grandes exemplos.

> *Assim como o fogo — diz um antigo autor — nunca é tão necessário como na violência dos mais rigorosos invernos, assim também os exemplos das grandes e extraordinárias virtudes nunca são mais úteis do que quando o mundo está cheio de grandes vícios. E, embora esses exemplos não sejam de pessoas vivas, mas mortas havia tantos séculos, contudo, como as relíquias de seus corpos, ainda que reduzidos a cinzas, têm ainda uma virtude divina que faz milagres, e como os seus retratos mesmos servem às vezes, pela graça de Deus, à conversão dos pecadores:*

> *Assim também a história de sua vida é uma das mais preciosas relíquias que nos restam deles, e a imagem da beleza de sua alma, que é imortal, pode atrair as bênçãos de Deus ao espírito e ao coração dos leitores, pela virtude que o Espírito Santo imprimiu nessas antigas e maravilhosas obras de sua graça e pelo poder da intercessão desses grandes santos, para os que os invocam ao ler-lhes a vida.*

Não é isso demonstrar a impressionante oportunidade da história do bom Ladrão? Se há exemplo maior de fé e de tudo o que a fé produz — o amor de Deus, o desprezo do respeito humano, a coragem a toda prova —, os Padres da Igreja não o conheceram. Fazê-lo reviver não é trazer remédio eficaz a uma das mais perigosas doenças do mundo atual?

XXXVI

Venhamos à desconfiança da misericórdia de Deus. Essa disposição infeliz, que se torna em várias almas, aliás fiéis, como o fundo de sua vida, faz dela também o tormento e o perigo. Vendo em Deus muito menos um pai compassivo do que um juiz severo, faz achar duro e pesado um jugo que o próprio Nosso Senhor declarou «*suave*» e «*leve*»; ensombra a piedade, quebra a energia do bem

e engendra a tibieza e o desânimo.

Demasiado felizes as suas vítimas se ela não as conduz ao desespero final, depois de lhes ter soltado o freio a todas as paixões.[10] Ou não está em parte alguma, ou a cura dessa terrível doença está na história que vamos repetir. Depois de ver a porta do céu abrir-se de par em par diante de um ladrão insigne, quem poderia desesperar? *Quis hic desperet, sperante latrone?*

XXXVII

Àqueles que, sob uma forma qualquer, tivessem tido a desgraça de imitá-lo em sua vida, o bom Ladrão ensina a imitá-lo em sua morte.

> *Por carregada de crimes e de injustiças que esteja a vossa consciência — diz-lhes —, por perto de acabar que esteja a vossa vida, um instante de arrependimento sincero basta para fechar o inferno e abrir-vos o céu. Lembrai-vos somente de que Aquele que prometeu o perdão não prometeu o dia seguinte. Aproveitai, pois, o resto de dia que ainda luz. Logo virá a noite, em que não podereis mais arrepender-vos.*

A história do bom Ladrão não é somente um encorajamento para os maiores pecadores; é ainda um ponto de apoio para o sacerdote. Chamado junto dos pecadores moribundos, nos presídios, nas prisões, nos hospitais, no desvão do pobre e, muitas vezes, nos salões do rico: que necessidade sente de contar com a misericórdia infinita! Onde a verá brilhar com esplendor mais tranquilizador do que na conversão de Dimas?

Torná-la popular é entrar nas vistas do Pai das misericórdias, do Deus de toda consolação. É prevenir o desespero, e não encorajar o mal; pois, no Calvário, junto à cruz da direita está a cruz da esquerda. É levar, não ao desprezo, mas ao amor de um Deus cuja bondade paternal, como a justiça, faz perder pé à razão.

Possa esta obra contribuir para formar naqueles que a lerem disposições conformes aos pensamentos, mil vezes adoráveis, Daquele que veio para salvar, sem exceção alguma, tudo o que tinha perecido: *«Porque o Filho do homem veio buscar, e salvar o que tinha perecido.»*[11]

Notas

[1] S. Ambrósio, *In prior. Davidis apolog.*, cap. II.

[2] *Du Pape* («Do Papa»), t. II, p. 271.

[3] N. do T.: alusão ao *Georges Dandin* de Molière, o marido enganado e ingênuo; no texto, os ingênuos que se deixam lograr.

[4] N. do T.: no original, *pot de vin* (literalmente, «jarro de vinho»), a gratificação secreta paga para obter um favor ou contrato.

[5] *Vani enim sunt omnes homines in quibus non subest scientia Dei.* («São porém vãos todos os homens, nos quais se não acha a ciência de Deus.») Sb 13, 1.

[6] *Idcirco Christus nequitiæ culmina delegit, ut in fine nullum subterfugium relinquat.* («Por isso Cristo escolheu os píncaros da maldade, para no fim não deixar subterfúgio algum.») S. Crisóstomo, Homil. *de Chananæa*, n.º 2, *Opp.*, t. III, p. 518.

[7] *Sacramentum regis abscondere bonum est; opera autem Dei revelare et confiteri honorificum est.* Tb 12, 7.

[8] *Qui nutriebantur in croceis, amplexati sunt stercora.* («os que se nutrião entre purpuras, abraçárão o esterco.») Lm 4, 5.

[9] Mt 17, 19: «se tiverdes fé como hum grão de mostarda, direis a este monte: Passa d'aqui para acolá, e elle ha de passar».

[10] Na própria hora em que escrevemos estas linhas, chega-nos uma carta que pinta o estado dessas almas, mais numerosas do que se pensa. «Estou agitada, triste, desanimada. O pensamento da eternidade que preparei para mim por uma vida de crimes excepcionais me lançaria num desânimo completo, se eu desse crédito a mim mesma. O desespero marcha sempre a meu lado e muitas vezes aparece de frente, tão temível, tão poderoso, que não vejo meio de escapar-lhe. Oh! como o vejo apertar-me, quando a morte se apresentar! Que desgraça criar para si remorsos como os que me agitam, e que duro castigo é o desespero!... Não abandoneis o vosso mais pobre filho, etc.»

[11] Lc 19, 10.

Revision #1
Created 25 November 2026 00:39:37 by Admin
Updated 25 November 2026 00:39:37 by Admin